

# Análise morfológica e motivação dos orônimos de Tasso Fragoso-MA

## Morphological analysis and motivation of the oronyms of Tasso Fragoso-MA

## Análisis morfológico y motivación de los orónimos de Tasso Fragoso-MA



**Geane Martins Mendes**

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Imperatriz, Maranhão, Brasil.  
geanemendes123@hotmail.com



**Maria Célia Dias de Castro**

Universidade Estadual do Maranhão, Balsas, Maranhão, Brasil.  
celialeitecastro@hotmail.com

**Objetivo:** Este trabalho relaciona-se ao Atlas Toponímico do Estado do Maranhão e baseia-se nos estudos do léxico, Onomástica, campo da Toponímia, com o objetivo de analisar a estrutura morfológica dos orônimos do município de Tasso Fragoso-MA, bem como os aspectos icônicos que subjazem à motivação na escolha dos nomes desses acidentes geográficos. Os resultados apontam para a alta recorrência do uso de substantivos para denominar os lugares e revelam a metonímia como um processo básico para referenciar os acidentes físicos dos nomes em estudo.

**Palavras-chave:** Onomástica. Oronímia. Sul do Maranhão.

**Objective:** This work is related to the Toponymic Atlas from the State of Maranhão and is based on lexicon studies, Onomastics, Toponymy field, with the objective to analyze the morphological structure of the oronyms from Tasso Fragoso-MA, as well as the iconic aspects that underlie the motivation for choosing the names of these landforms. The results point

to the high recurrence to the use of nouns to name places and reveal metonymy as a basic process to refer to these physical accidents of the names in study.

**Keywords:** Onomastics. Oronymy. South of Maranhão.

**Objetivo:** Este trabalho se relaciona al Atlas Toponímico del Estado del Maranhão y se basa en los estudios del léxico, Onomástica, campo de la Toponimia, con el objetivo de analizar la estructura morfológica de los orónimos del municipio de Tasso Fragoso-MA, así como los aspectos icónicos que subyacen a la motivación de escoger los nombres de esos accidentes geográficos. Los resultados apuntan para la alta recurrencia del uso de substantivos para denominar los lugares y descubren la metonimia como un proceso básico para referenciar esos accidentes físicos de los nombres en estudio.

**Palabras-clave:** Onomástica. Oronímia. Sur del Maranhão.

Submetido em 21 de fevereiro de 2022.

Aceito em 31 de agosto de 2022.

Publicado em 30 de dezembro de 2022.

## 1 Introdução

Tudo à nossa volta é nomeado a partir da observação humana e da escolha de termos do conjunto paradigmático da língua, os quais se organizam de forma a trazer significados para aqueles que vivenciam o nome dado às coisas e, notadamente, aos lugares (latim: *loco*). Assim, os fenômenos linguísticos – que envolvem a dinâmica da língua relacionada aos objetos que ela representa – referentes à Toponímia ajudam na compreensão do léxico cultural de uma região. Nesse sentido, o contexto maranhense surge como fértil campo de pesquisa linguística considerando os aspectos históricos e geofísicos que motivam o acionamento dos nomes atribuídos aos lugares que constituem nosso espaço geográfico, sob o seguinte questionamento: *Quais os principais elementos morfológicos acionados pelo denominador no processo de nomeação dos orônimos de Tasso Fragoso-MA e como se dá o processo de motivação desses nomes?* Assim, o propósito deste trabalho é analisar aspectos morfológicos (classes de palavras) e semânticos (motivações) dos orônimos, notadamente suas propriedades sígnicas de representação dos referentes. A pesquisa apresenta um *corpus* de 21 (vinte e um) nomes selecionados das cartas geográficas do IBGE (2010) da cidade de Tasso Fragoso-MA<sup>1</sup>, localizada na microrregião sul do Maranhão. Os fundamentos teóricos aqui apresentados associam-se aos estudos da Onomástica, ramo da Linguística que se ocupa do estudo dos nomes próprios, e, de forma mais delimitada, da Toponímia, que trata dos nomes próprios de lugares, incluindo a motivação e a categorização semântica e um viés funcional da estrutura sintagmática constituidora desses termos.

## 2 O acidente físico

Não é de hoje que a comunidade pesquisadora se preocupa com os nomes que os lugares carregam, sejam eles de uma região, estado, cidade, serra, entre outros. Frei Martin Sarmiento (1925),

<sup>1</sup> Os dados deste artigo são um recorte de uma dissertação de mestrado que ora se desenvolve na UEMASUL.

na primeira metade do século XVIII (1745-1757), trouxe um modelo detalhado de descrição semântica e etimológica dos topônimos atribuídos na Galiza em que discute as relações existentes entre os nomes comuns e os antropônimos e topônimos – nomes de cidades, vilas, aldeias, termos, montanhas, vales, rios e outros – e discute uma classificação das camadas ou cursos históricos para esses nomes. “Após a classificação das camadas históricas fundamentais dos topônimos, o autor apresenta a segunda classificação, a de caráter semântico-lógico, em que aponta os motivos básicos de denominação dos lugares” (CASTRO, 2012, p. 64). Dauzat (1926) preocupava-se com a classificação desses lugares, percebendo que alguns nomes se valem de termos geográficos que possuem uma terminologia que ajuda na divisão e classificação dos nomes que fazem parte desse grupo. Os estudos linguísticos relacionados aos topônimos vêm despertando grande interesse pelos vários tipos de acidentes toponímicos<sup>2</sup>: hidronímia, coronímia, entre outros como a oronímia<sup>3</sup>, foco principal desta pesquisa.

Nesse sentido, este estudo apresenta nomes de acidentes físicos como serras, montanhas, morros e afins, os quais foram denominados, em determinadas épocas, por motivações específicas de seus denominadores. Nomear é um ato linguístico, em que, no caso aqui analisado, um local recebe um nome por diversas relações que envolvem o denominador, sua cultura e o ambiente sócio-geográfico. Através dos topônimos, os fenômenos linguísticos relacionados com a história das cidades ajudam na compreensão do léxico dessa região. A toponímia é, portanto, a ciência que estuda os nomes dos lugares voltando-se para várias divisões do conhecimento. Nessa vertente, a oronímia estuda os nomes de lugares menores. Segundo Houaiss e Villar (2007), orônimo é o nome designativo de montanhas, montes, colinas, maciços de montanhas, cordilheiras e afins (como subclasse dos geônimos ou mesmo dos topônimos); orotopônimo; etimologia de origem grega *or(i/o)-* + *-ônimo* (positivo, do grego *ónoma*, atos: nome,

<sup>2</sup> José Leite de Vasconcelos (1931) define topônimo como onomatologia geográfica.

<sup>3</sup> “Da necessidade de particularização e diversificação terminológica é, mais uma vez, em língua francesa, testemunha A. Dauzat, entre outros, com o termo *oronyme* (orônimo termo para designar nome próprio de serra, montanha, elevação de terreno)” (PRIETO, 1972, p. 136).

nome designativo de uma pessoa ou de uma coisa). Como se segue: **oro-**, elemento composto, do grego *óros*, “montanha”, que se documenta em vocábulos. Cunha (2007) informa que esses termos foram introduzidos na linguagem científica internacional a partir do século XIX: **-ônimo** (do grego *-onymos* <gr. *ónoma, atos*). Para Ferreira (2010), **orônimo** é oriundo de *or(o)-* + *ônimo*: nome próprio de montanha ou de cadeia de montanhas; **oronímia**, de orônimo: estudo linguístico ou histórico da origem dos orônimos. Esses lugares geralmente são afastados das cidades e cada um recebe um nome motivado por santos, pessoas, rios, entre outros referentes<sup>4</sup> motivadores, mostrando parte do conhecimento linguístico e a cultura do nomeador. Mas é, principalmente, motivado por seu aspecto físico/icônico.

O conceito de topônimo relaciona-se às ideias de símbolo, “sugerido pela própria natureza do acidente nomeado, [...] qual seja não apenas a identificação dos lugares, mas a indicação precisa de seus aspectos físicos ou antropoculturais, contidos na denominação” (DICK, 1992, p. 19). Implica dizer que o topônimo é uma representação do mundo pela língua, podendo colocar-se como significante de um conceito icônico, de modo que o topônimo, em sua condição de elemento denominador, porta linguisticamente aspectos físicos naturais e culturais de um espaço (seja ele urbano ou rural), tendo sido motivado pelas impressões das características que o próprio lugar possui. A partir do nome, é possível realizar um apanhado histórico-cultural dos lugares nomeados e, conseqüentemente, de seus denominadores. Sobre as escolhas desses nomes, Dick (1992) esclarece que elas ocorrem:

Primeiro, na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico; e, a seguir, na própria origem

<sup>4</sup> Entendido aqui como o lugar concreto da realidade extralinguística, acionado por signo linguístico; ou, como denomina Neves (2004), um *designatum*.

semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas. (DICK, 1992, p. 18).

Assim, é correto afirmar que o local, sua própria forma aparente, é referência motivacional para o nome. Nesse sentido, reafirmamos que a linguagem é o principal objeto de nossa inserção no meio em que vivemos: a seus aspectos, suas formas, culturas, a tudo aquilo que faz parte de nosso ambiente, seja ele físico, social ou mental. Segundo Sapir (1969), fatores físicos são aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar de a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo; já os fatores sociais são as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo, os quais se refletem nos fatores mentais que formam os conceitos de um grupo.

É, portanto, dessa forma que damos sentidos e significados àquilo que nos cerca: por via da linguagem. Nesse contexto, a Toponímia surge como atuante na constituição do léxico e, conseqüentemente, na conservação de aspectos históricos e psicológicos que permeiam um nome. Nas palavras de Carvalhinhos (2003, p. 172), os estudos toponímicos partem da “etimologia para reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional da região em questão, como um resgate ideológico do denominador e preservação do fundo de memória”.

São questões assim que nos levam a pensar a respeito de linguagem como a própria interação, refletindo sobre como os nomes próprios revelam as vivências de cada um. No que se refere ao signo linguístico, termo que remete a um lugar, a Toponímia estende uma relação de sentido estabelecida entre acidente (físico ou humano) e o nome que o representa. É evidente, portanto, que o nome próprio funciona como um representativo no sentido de que existe uma relação entre o significante e o significado do nome e a coisa designada. Essa propriedade de o nome representar o ambiente leva ao estudo da motivação toponímica e da iconicidade.

### 3 Iconicidade e motivação toponímica

Identificamos como iconicidade as características que o ícone tem em comum com o acidente físico que representa, a propriedade de representar esse objeto/lugar real do mundo, o que ocorre em grande parte dos nomes analisados nesta pesquisa. Significa que um determinado local não recebe um nome aleatoriamente, mas há algum aspecto que interfere no momento da nomeação, ressaltando a própria forma física do acidente ou até mesmo algo que tenha uma forte presença, próximo ou ao redor do local. Essas formas linguísticas, quando ligadas ao léxico toponímico, nos levam a crer que existe uma relação icônica<sup>5</sup> entre o acidente (físico/humano) e a entrada lexical que o nomeia; dessa forma considera-se que o signo toponímico é icônico, ou seja, motivado. "Iconicidade é um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem humana. Trata-se de uma relação natural entre o código linguístico e o seu *designatum*" (NEVES, 2004, p. 103, grifo do autor).

Essa relação natural entre nome e acidente referenciado são perceptíveis; um é o código linguístico, e o outro, o objeto que é designado por esse código. É comum atribuímos um nome a um lugar ou acidente considerando algo que com esse acidente tenha uma relação existencial: plantas, animais, rios, entre outros, o que gera uma relação metonímica na criação do nome em relação ao lugar.

Ontem, o homem escolhia em torno, naquele seu quinhão de natureza, o que lhe podia ser útil para a renovação de sua vida: espécies animais e vegetais, pedras, árvores, rios, feições geológicas. Esse pedaço de mundo é da Natureza toda que ele pode dispor, seu subsistema útil, seu quadro vital. (SANTOS, 1994, p. 16-17 apud OLIVEIRA, 2008, p. 69).

<sup>5</sup> "Nos signos icônicos, ou seja, os signos que agem como tal em função de uma relação de semelhança com seu objeto puramente no nível da aparência, tais como as imagens, diagramas, metáforas, os quais são representados em diversas formas e suportes, como por exemplo nas fotografias e nas pinturas. Esses signos estão repletos de informações implícitas e explícitas. Uma fotografia, por exemplo, representa um objeto, pessoa ou lugar existente, ou algum momento histórico, ao mesmo tempo em que contém informações físicas de sua própria materialidade" (LIMA; SANTOS, 2019, p. 148-149).

Também é comum compararmos uma coisa a outra, fazendo analogia a um nome existente e dando significado ao acidente físico. “O povo transporta para objetos inanimados adjetivos cuja ideia empresta ao homem” (BRÉAL, 2008, p. 95). É o processo de significação que atribui um nome em analogia a outro já existente, conhecido como metáfora. Através da metáfora transpomos novos significados que, mediante uma palavra, designa um novo objeto, nesse caso, um acidente físico tido como topônimo.

A significação é o processo que associa um objeto, um ser, uma noção ou um acontecimento a um signo capaz de os evocar [...] O signo é, portanto, um excitante – os psicólogos dizem um estímulo, cuja ação sobre o organismo provoca a imagem memorial de um outro estímulo. (GUILRAUD, 1986, p. 15).

O ser humano, ao dar um nome, dispõe de uma gama de palavras em seu vocabulário e um vasto conhecimento acerca de cada uma; a função do denominador seria, então, escolher um nome para identificar um determinado acidente físico. Compreende-se que essa atividade não se realiza de forma arbitrária; ser humano utiliza-se da linguagem, das palavras, tornando transparente o significado do lugar para ele, ou seja, releva as características naturais do ambiente e as próprias vontades que o ser humano carrega em seu espírito. “Há para cada coisa um nome que lhe pertence por natureza. [...] A propriedade do nome reside no consentimento dos homens” (BRÉAL, 2008, p. 124). Nesse sentido, Castro (2012, p. 47) comenta que “[o]s topônimos representam os lugares, ao portarem em sua forma os traços representativos das qualidades que significam os lugares, além de indiciarem a aproximação ou presença do lugar, ou ainda, a existência do lugar numa determinada localidade espacial”.

É necessário perceber essas motivações cognitivas de forma holística, no sentido de que tudo pode ser refletido no léxico, ou seja, nas representações dos termos que compõe a língua(gem).

Isso porque, numa reflexão linguística, há vários aspectos interligados numa relação entre língua e cognição, ou seja, a linguagem funciona como conceito e sistema linguístico. Nesse sentido, acerca da motivação toponímica,

Sabemos que o signo toponímico é motivado, sobretudo, pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador. Além de diferir dos demais signos no que se refere à motivação, tem particularidade específica quanto à função. O signo linguístico se reserva à arbitrariedade, enquanto o signo toponímico à motivação. O que os diferencia é a função significativa quando a Toponímia os transforma em seu objeto de estudo. (ANDRADE, 2017, p. 587).

Implica dizer que a estrutura da língua está ligada às coisas que compõem o mundo, refletindo, principalmente, em como tudo ao nosso redor está organizado e em como será denominado. Assim, leva-se em consideração os contextos nos quais os dados foram gerados, seus significados, etimologia e o que cada nome representa na construção do léxico toponímico para que, dessa forma, evidenciem-se as possíveis motivações para as escolhas de nomes dos acidentes físicos que compõem o conjunto oronímico, neste caso, de Tasso Fragoso-MA.

Tavares e Isquerdo (2006) assinalam sobre o âmbito linguístico dos estudos desse campo léxico, em que,

Na dimensão linguística, o estudo dos topônimos – nomes de lugares – pode ser realizado sob diferentes perspectivas: análise de estratos linguísticos evidenciados pelos designativos, classificação taxionômica dos nomes e análise de taxes predominantes, discussão da motivação semântica dos nomes, estudo diacrônico referente às mudanças de nomes, análise da estrutura morfológica dos topônimos. (TAVARES; ISQUERDO, 2006, p. 3).

Nesse íterim, relacionado à intencionalidade do nomeador, Dick (1992) elabora um quadro com um modelo teórico que engloba vinte e sete taxes, distribuídas em dois grupos, de natureza física e de natureza antropocultural, reunindo semanticamente as informações que partem das motivações.

Sob certas circunstâncias, a ocorrência de uma nomenclatura em um *corpus* permite deduções e interpretações que refletem a realidade do local, sua diversidade, história, aspecto, entre outras razões, para a motivação do nome que passa a ser a representação toponímica do acidente. Esses pontos nos levam a perceber que não há neutralidade no uso dos signos e o processo de nomear é, portanto, motivado, notadamente no que se refere ao ambiente. Nesse contexto, ao escolher os nomes, o denominador recorre a uma necessidade linguística de comunicar-se fazendo suas escolhas lexicais com o objetivo de representar e conectar o espaço denominado com o nome que agora carrega, podendo ressaltar aspectos e características próprias do acidente: forma física, histórico, cultura, entre outros, processos cognitivos que alçam mão da iconicidade.

Portanto, afirma-se aqui o caráter simbólico da linguagem ao se tratar de topônimos, os quais estão expressamente ligados às relações icônicas que atestam não haver arbitrariedade na escolha de um nome para signo toponímico. As diversas motivações impactam também em processos de mudança dos nomes de lugares.

Ressalta-se, pois, que a língua, quando atrelada ao nome toponímico, apresenta-se de forma dinâmica, ou seja, o lugar, com o passar dos anos, pode receber um novo nome de batismo. Nesse sentido, a cidade em análise, Tasso Fragoso, teve seu início de desbravamento territorial através de Marcelino Tavares Lira, procedente de Ribeiro Gonçalves-PI. O primeiro morador e dono da primeira casa do lugar, que ficava à frente de um riacho, deu ao território o nome de “Brejo da Porta”.

Distrito criado com a denominação de *Brejo da Porta*, pela lei estadual nº 269, de 31-12-1948, subordinado ao município de Alto Parnaíba. Elevado à categoria de município com

a denominação de *Tasso Fragoso*, pela lei estadual nº 2108, de 19-12-1961, desmembrado de Alto Parnaíba. Sede no atual distrito de Tasso Fragoso ex-Brejo da Porta. Constituído do distrito sede. Instalado em divisão territorial datada de 31-XII-1963. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005. Alteração toponímica distrital *Brejo da Porta para Tasso fragoso*, alterado pela lei estadual nº 2108 de 19-12-1961. (IBGE, 2010, n. p., grifo nosso).

Uma localidade tem seu nome original de forma motivada e, quando sofre alteração, a mudança não ocorre de forma arbitrária, ou seja, desde a primeira nomenclatura o local tem suas características (ou influências) ressaltadas através do nome escolhido. De acordo com Seabra (2016),

Os nomes de lugares, como parte integrante da língua usada por uma comunidade, estão sujeitos, como todos seus outros elementos, a variações decorrentes da hesitação de uso entre diversas formas de um mesmo vocábulo. Essas variações costumam ser de ordem analógica, fonética, morfossintática, lexical e, ainda, ocorrer nas chamadas reduções ou elipses. (SEABRA, 2016, p. 14).

O processo de denominação não é algo estagnado ou desmotivado no sentido de que o local pode apresentar outras marcas que impulsionariam a troca do nome atual para uma nova denominação enfatizando, inclusive, a dinamicidade presente na língua. Diante desses fatos, o estudo dos topônimos pode envolver diversos campos do conhecimento, desde o linguístico aos culturais, políticos, históricos, dependendo do foco que se pretenda dar à investigação, o que revela o caráter interdisciplinar dessa área. Os sentidos desses nomes, bem como os processos de mudança, são materializados na estrutura que os constituem.

## 4 Aspectos estruturais dos orônimos

A comunicação, enquanto principal elemento constituinte de uma sociedade, apresenta-se via linguagem e língua. Esta, representada pelos signos que a compõem, e aquela, constituída por sinais verbais e não verbais. Assim, o signo linguístico é apresentado como constituidor de dois elementos básicos: significante e significado, unindo palavra e imagem, tornando-se, assim, um todo indissolúvel.

A língua é o principal fator de estudo de culturas, comportamentos, experiências e comunicações humanas, sendo, portanto, uma forma significativa do conhecimento. Além disso, é através da língua que os membros de uma sociedade dão nomes às coisas que a cercam, exercendo influência sobre o meio ambiente em que se inserem. Significa que, ao dar um nome a algo, a visão de mundo de um grupo é demonstrada, partindo das escolhas lexicais realizadas. A Onomástica, sob a ótica de uma de suas divisões, a Toponímia, é capaz de conservar aspectos físicos, históricos e outros a partir do nome. Na subdivisão desses estudos, têm-se a Oronímia a partir de diferentes perspectivas, que vai desde a sua motivação semântica até sua estrutura morfológica. Assim, o estudo dos nomes que compõem o *corpus* deste artigo direciona-se à questão da estrutura dos orônimos, na qual é possível demonstrar os tipos de formação predominantes dos nomes dos acidentes físicos da cidade de Tasso Fragoso coletados na base do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Dick (1992) considera dois elementos básicos na formação do nome toponímico – o primeiro, o termo genérico, relativo ao elemento geográfico; e o segundo, o termo específico, referente ao próprio topônimo:

Ao designar, tradicionalmente, o nome próprio de lugar, o topônimo, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que identifica, com ele

constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem os seus termos formadores. (DICK, 1992, p. 10).

A exemplo tem-se *Morro do Bode*, em que *Morro* é o termo genérico e *Bode* é o termo específico. Ressalta-se, entretanto, que os topônimos podem sofrer mudanças – em maior ocorrência os termos específicos – dependendo de diversos fatores que interferem na língua, principalmente externos, como assinala Cardeira (2006).

Assim, o topônimo, no que diz respeito à formação de um sintagma nominal, recai, principalmente, sobre o substantivo/nome por este referir-se a entidades denominando ou designando-as, neste caso, individualmente, identificando um referente único (NEVES, 2000).

Neste trabalho, o escopo se volta para como esses nomes se organizam, de forma mais produtiva, com realce para elementos como o substantivo, o adjetivo e a preposição, como ilustrado em *Morro do Cajá: Morro* (substantivo indicativo de termo genérico) + *do* (preposição indicativa de posse) + *Cajá* (substantivo indicativo de termo específico).

#### 4.1 Classes gramaticais constituidoras dos sintagmas oronímicos

Desde a Grécia antiga o estudo das classes de palavras é realizado para que os fatos da língua possam ser analisados de modo a contribuir para a significação das frases e orações que são formadas a partir da junção das palavras. Ilari (2015) afirma que falar em classes de palavras é, entre outras coisas, pensar em diferentes modos de articular informações, de vários tipos, através do léxico. Dionísio da Trácia (século II – I a. C.) define a gramática como a “arte de escrever” e identifica oito partes do discurso: *nome, verbo, participio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção* (SILVA, 2021). Nesse sentido, entende-se que a língua se apresenta

de forma estruturada e seu léxico é construído e significado de acordo com algumas relações, entre elas, sua função, ou melhor, sua classe gramatical. Estas classes são divididas tradicionalmente pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), a fim de propor a uniformidade do ensino de Língua Portuguesa, em dois grupos: *palavras variáveis* e *palavras invariáveis*:

Quadro 1 – Classes de palavras no português

PALAVRAS VARIÁVEIS	PALAVRAS INVARIÁVEIS
Substantivo	Preposição
Artigo	Conjunção
Adjetivo	Interjeição
Numeral	
Pronome	
Verbo	
Advérbio	

Fonte: Elaborado pelas autoras e baseado em Brasil (2008).

Além dessa divisão, conforme o Quadro 1, pode-se partir para uma classificação mais específica, sob um viés funcional, quanto à produtividade dessas classes, ou seja, classes fechadas, categoria de palavras funcionais que não aceitam novos membros; e classes abertas, constituídas por um número ilimitado de palavras, refletindo no dinamismo da língua.

Quadro 2 – Classes abertas e fechadas no português

CLASSES ABERTAS	CLASSES FECHADAS
Substantivo	Pronome
Verbo	Preposição
Adjetivo	Conjunção
Advérbio	Especificador Artigo

Fonte: Elaborado pelas autoras e baseado em Ilari (2014).

Assim, um falante pode sempre encontrar vários novos substantivos e verbos durante o passar dos dias, dos anos; mas é muito mais difícil que a língua portuguesa adquira um novo artigo, pronome, preposição ou conjunção.

A dinâmica das classes abertas em conjunção com o caráter rígido das classes fechadas contribui no processo estruturador dos signos toponímicos. Dentre essas classes, duas se destacam, a dos substantivos e a das preposições.

#### 4.1.1 Preposição

Segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2007), preposição significa ato ou efeito de pôr antes ou diante, e ainda palavra gramatical invariável, transitiva (pede um complemento de objeto), que subordina o elemento que introduz, dito conseqüente, marcando a sua função.

O significado básico da preposição é o de localizar no ESPAÇO ou no TEMPO os termos que elas ligam. [...] A localização de objetos e de eventos é uma operação relacional por excelência. Localizar um objeto ou um evento é sempre relacioná-lo com outro objeto ou evento. (CASTILHO; ELIAS, 2012, p. 280).

Assim, o caráter relacional intrínseco das preposições, a exemplo de localizar espacialmente os termos que elas ligam, faz com que este grupo de palavras tenha afinidade seminal na geração de signos toponímicos formados por estruturas com um termo genérico e um específico, estabelecendo entre eles as operações sígnicas relacionais, adjungindo o objeto genérico, real de mundo, com o termo especificador desse objeto ou acidente.

A classe das preposições é considerada como fechada, visto não se criar uma palavra desse conjunto em pouco espaço de tempo; além disso, o falante conhece praticamente todas as suas formas de apresentar-se devidamente em um contexto. As prepo-

sições se combinam com outras classes, dentre elas a do substantivo, a partir de uma motivação, que será o sentido estabelecido. Em nossos estudos, temos então a seguinte estrutura: *elemento geográfico + preposição + específico* (geralmente um substantivo). Alguns exemplos que demonstram tal estrutura são *Morro* (elemento geográfico) *do* (preposição) *Bode* (topônimo); *Morro do Chupé*<sup>6</sup>, *Morro do Garrafão*. A expressão formada pela preposição e o substantivo ligado por ela, adjungida ao artigo (do [*de + o*]), constitui um sintagma nominal toponímico completo.

#### 4.1.2 O substantivo

Segundo Houaiss e Villar (2007), substantivo é o nome dado a classe de palavras com que se denominam os seres, animados ou inanimados, concretos ou abstratos; qualquer morfema susceptível de ser antecedido por outro da classe dos determinantes, compondo com ele um sintagma nominal, como é possível certificar em Castilho e Elias (2012, p. 211): “os substantivos funcionam como núcleos de expressões nominais, também conhecidas como sintagmas”. Assim, os substantivos funcionam como núcleo de um sintagma nominal, tendo, portanto, sua presença como obrigatória nessa construção. Nesse contínuo, a função maior do substantivo é a de referenciar, denominar um referente (pessoa ou coisa), trazendo à tona diferentes traços semânticos e funcionando como importante fator na construção de uma sentença. Assim, a classe dos substantivos pode se apresentar da seguinte forma:

Quadro 3 – Tipos de substantivos

SUBSTANTIVOS	SUBSTANTIVOS
Contáveis	Não contáveis
Concretos	Abstratos
Animados (humanos)	Inanimados (não humanos)
Comuns	Próprios

Fonte: Elaborado pelas autoras e baseado em Castilho e Elias (2012, p. 222).

<sup>6</sup> Mesmo que *irapuã* (*Trigona spinipes*). Do Tupi: *gwaxu'pe*, abelha comum da família dos meliponídeos; cp. *Axupé* (HOUAISS; VILLAR, 2007).

O topônimo é um substantivo concreto por se referir a algo palpável, passível de ser visto e tocado; inanimado, por se referir a um lugar; e próprio, por dar nome a algo específico. Além desses aspectos, há outro fenômeno que o caracteriza, o fato de o substantivo comum passar para a classificação de substantivo próprio (ao designar algo); a exemplo, *Morro do Bode*, onde o substantivo comum, *bode*, passa a substantivo próprio na categoria de topônimo.

Os substantivos comuns denominam, em traços gerais, a classe de entidades à qual pertence o seu referente [...] além das funções *denominadora* e *referenciadora*, os substantivos comuns têm ainda a função *definidora descritiva*, colocando em uma determinada classe qualquer elemento por eles denominado. Os substantivos próprios fazem designação individual dos elementos a que se referem, identificando um referente único com identidade distinta dos demais referentes. (CAMACHO *et al.*, 2014, p. 35, grifo do autor).

Destarte, o substantivo tem como base fundante sua função de referenciar as coisas do mundo, seja ele real ou imaginário, e a classe dos nomes, como quer que se constitua, implica a identificação de seus referentes.

## 5 Análise

Para esta pesquisa, a base foi formada pelos princípios da ciência Onomástica, com a realização de coletas e análises dos dados, ou seja, de categorizações semânticas e de como os nomes estão dispostos na formação sintagmática. Para a realização desta análise, fez-se necessária uma busca de dados na base cartográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) fundamentada nos mapas municipais de cada cidade estudada. Em seguida, realizou-se uma pesquisa documental na base de dados do projeto Atlas Toponímico do Estado do Maranhão (ATEMA), estabelecido em 2018, projeto coordenado pelas autoras deste artigo, a fim de

confirmação e posterior comparação dos dados coletados no campo de pesquisa, o município de Tasso Fragoso-MA.

Figura 1 – Mapa da cidade de Tasso Fragoso-MA



Fonte: IBGE (2010).

O *corpus* selecionado compreende 21 (vinte e um) orônimos selecionados na base de dados do IBGE (2010), conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – *Corpus* estudado

Morro do Bode Morro do Chupé Morro do Garrafão Morro do Olho d’Aguinha Serra Cabeceira do Malhado Serra do Cajueiro Serra do Penitente	Vão da Aldeia Vão da Bananeira Vão da Fazenda Vão da Taipoca Vão do Anil Vão do Brejinho Vão do Cachorro	Vão do Cajá Vão do Cercado Vão do Chico Vão do Coco Vão do Doca Vão do Fundo Vão do Leônidas
--	--	--

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dos 21 nomes em análise, quatro são compreendidos pela categoria geofísica representada pelo termo genérico *morro*, três pela categoria *serra* e os quatorze restantes são compreendidos

pela categoria *vão*. Entre os nomes relacionados à orografia, pode-se separar as áreas elevadas (morros e serras) e aquelas que têm caráter depressivo (*vão*). Assim, apresenta-se, a seguir, a definição dicionarizada de cada um dos tipos de acidentes físicos analisados.

- **Morro:** “monte pouco elevado, colina, outeiro. Termo de origem etimológica incerta” (CUNHA, 2010, p. 437);
- **Serra:** “do latim *serra*: cadeia de montanhas com muitos picos e quebrados” (FERREIRA, 2010, p. 1921);
- **Vão:** “do latim *vanu*, inútil; esp., it. *vano*, fr. *vain*” (NASCENTES, 1952, p. 519).

A relação de cada topônimo é disposta, como já discutido, pelos dois elementos que remetem ao tipo de acidente, o termo genérico, e ao nome que carrega, o termo específico. Desse modo, na particularização terminológica dos termos, os acidentes físicos têm seu nome dividido em dois grupos: o primeiro nome, de caráter genérico, leva-nos à indicação e classificação do tipo de elemento geográfico: *morro, serra, vão*. Além disso, indica se o terreno denominado é elevado ou com depressão. O segundo, específico, o topônimo propriamente, leva à classificação taxonômica dos acidentes: *do Bode, do Cajueiro, da Aldeia*, por exemplo. Pelo fato de o topônimo ser constituído desses dois termos, ambos os constituintes do sintagma são analisados.

Nesse segmento, para exemplificar os topônimos relacionados à geografia física com formato elevado tem-se:

*Morro do Bode*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Bode*).

*Morro do Chupé*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Chupé*).

*Morro do Garrafão*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + ar-

tigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Garrafa* + *-ão* 'indicativo de aumentativo').

*Morro do Olho d'Aguinha*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Olho*) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (a) + substantivo (representando o termo específico *Água* + *-inha* 'indicador de diminutivo').

*Serra Cabeceira do Malhado*: substantivo (representando o genérico) + substantivo (representando o termo específico *Cabeceira*) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Malhado*).

*Serra do Cajueiro*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Cajueiro*).

*Serra do Penitente*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + adjetivo (representando o termo específico *Penitente*).

Na sequência dos dados analisados, há 14 topônimos relacionados à geografia física com o relevo deprimido:

*Vão da Aldeia*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (a) + substantivo (representando o termo específico *Aldeia*).

*Vão da Bananeira*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (a) + substantivo (representando o termo específico *Bananeira*).

*Vão da Fazenda*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (a) + substantivo (representando o termo específico *Fazenda*).

*Vão da Taipoca*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (a) + substantivo (representando o termo específico *Taipoca*).

*Vão do Anil*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (a) + substantivo (representando o termo específico *Anil*).

*Vão do Brejinho*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Brejo* + *-inho* 'indicador de diminutivo').

*Vão do Cachorro*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Cachorro*).

*Vão do Cajá*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Cajá*).

*Vão do Cercado*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Cercado*).

*Vão do Chico*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Chico*, redução de *Francisco*).

*Vão do Coco*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Coco*).

*Vão do Doca*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Doca*).

*Vão do Fundo*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + adjetivo (representando o termo específico *Fundo*).

*Vão do Leônidas*: substantivo (representando o genérico) + preposição (representando a relação genitiva de posse com *de*) + artigo definido (o) + substantivo (representando o termo específico *Leônidas*).

Pela observação da Tabela 1, a predominância da categoria dos substantivos se instaura pelo próprio caráter dos topônimos de referenciar, o que torna natural que esta classe seja predominante em virtude de seus elementos nomearem os seres e os objetos do mundo, sejam animados ou inanimados, concretos ou abstratos (como características, sentimentos, estados e ações), como assinalam Houaiss e Villar (2007); e ainda pelo fato elementar de o topônimo ser constituído na sua base por um morfema, como certificam Castilho e Elias (2012), que pode ser antecedido por um determinante formando o núcleo das expressões nominais. A natureza imane do topônimo de informação semântica identificadora com a denominação de um referente único, neste estudo, o acidente geográfico com elevações ou depressões, leva-o a ser naturalmente constituído por um substantivo ou termo substantivado.

Vale ressaltar a frequência dos orônimos com o uso da preposição “de” (+ o determinante *o* ou *a*) estabelecendo relação entre o termo determinado, geralmente um sintagma formado pelo termo genérico, e o determinante, o termo específico, como em *Morro do Garrafão*; ou entre dois termos específicos: *Serra Cabeceira do Malhado*; ou entre um termo genérico e dois específicos: *Morro do Olho d’Aguiha*. Dessa forma, partindo da referência toponímica com a junção dos elementos nominais e do gramatical (nem sempre necessário), há a formação do sintagma toponímico, completo e passível de análise.

Observa-se uma esfera semântica que expressa relação de posse bem evidente entre os dois termos constituidores dos orônimos. A preposição “de” é um termo gramatical de caráter genitivo que atua na junção sintagmática entre os termos genéricos e específicos e/ou entre os termos específicos, e estabelece, com o intuito de marcar pertencimento, uma relação de complementação de sentido para gerar o signo oronímico:

Essa relação genitiva (de possuidor) refere-se não somente a pessoas, mas também a lugares propriamente nomeados [...] O denso uso do *de* se deve ao fato das mudanças

linguístico-históricas, na morfologia e na sintaxe, com a perda do uso dos morfemas de “caso genitivo”, desde a mudança do latim ao português. [...] Na toponímia maranhense, em sua grande maioria de caráter mais moderno, é bastante recorrente a forma de nomeação com o uso prepositivo indicador das relações de posse. (CASTRO, 2012, p. 305, grifo da autora).

Os orônimos apresentam a ideia de posse através do uso da preposição, como em o *Morro* que é **do** *Chupé*; o *Vão* que é **da** *Aldeia*; o *Vão* que é **do** *Doca*; a *Serra Cabeceira* que é **do** [Boi] *Malhado*; o *Morro* que é **do** *Olho d’Aguinha*; o *Vão* que também é posse **do** *Brejinho*, sempre nessa teia de elementos da natureza física e antrópica que é tecida por esses oronímicos. Eles expressam substância e relação entre seus elementos constituintes do sintagma, os que são alterados morfológica e semanticamente e os que portam essas relações determinantes de pertencimento.

Há ainda os orônimos que possuem o elemento específico representado por dois ou mais termos substantivos, ou seja, têm sua entrada lexical composta, como em *Morro do Olho d’Aguinha* e *Serra Cabeceira do Malhado*, com especificadores ainda mais completos numa cadeia causal e descritiva do local denominado.

Assim, o processo de composição sintagmática dos topônimos ocorre, principalmente, da reunião de substantivos interligados por meio da preposição portadora de valor genitivo, cujos elementos morfológicos atestam a língua como motivada semanticamente no que se refere à nomeação dos lugares.

Com relação ainda aos aspectos semânticos, os quatro orônimos da Tabela 1 constituídos pelo genérico “morro” acionam semanticamente no termo específico elementos de natureza zoonímica, como *do Bode* e *do Chupé* (um tipo de abelha); e *do Garrafão* aciona elemento da cultura material, que teve sua criação ou sua natureza pela ação do homem. Os três orônimos constituídos pelo genérico “serra” acionam os elementos específicos *Cabeceira do Malhado*, *do Cajueiro* e *do Penitente*, que remetem a referentes hi-

dronímico (cabeceira), fitonímico (cajueiro) e anímico (sentimento de penitência). Tanto para “morro” como para “serra”, nomes de acidentes que expressam elevação, logo, também um maior distanciamento geofísico para com o ser humano em função do aspecto elevado, os elementos naturais influenciaram mais o modo de conceber os nomes que os denominam e revelam uma associação por contiguidade dos elementos geográficos com os referentes acionados: o morro com que o bode e a abelha mantêm uma relação associativa de contiguidade e pertencimento no processo de gênese do orônimo. No entanto, em *Morro do Garrafão*, a relação evidenciada pelo elemento específico ocorre por associação de semelhança em um processo de concepção metafórica.

Os quatorze orônimos constituídos pelo genérico “vão”, acidente com depressão, despenhadeiro, ou lugar entre vales, acionam no elemento específico os termos *da Aldeia* (remete a habitação); *da Fazenda* (remete a modos de vivência social); *da Bananeira, do Cajá, do Coco, da Taipoca* (remetem à cultura fitonímia); *do Anil* (remete a cores); *do Brejinho* (a aspectos hidronímicos); *do Cachorro* (aciona aspectos zoonímicos); *do Cercado* (elementos da cultura material); *do Chico, do Doca, do Leônidas e do Fundo* (remete a nomes de pessoas). Os vãos, por serem mais habitáveis em relação aos morros e serras em função da proximidade com a água e com os vales mais férteis, recebem uma quantidade maior de nomes que registram alguns elementos de natureza humana, como a habitação, os espaços de vivência social, as percepções humanas físicas, como das cores (anil), a cultura material e a própria representação humana via nomes antroponímicos (de pessoas). Assim surgem esses nomes que acionam tradições da vida humana. Entretanto, também aspectos de natureza física são atribuídos a esses vãos, com ênfase em nomes de plantas, de animais e de cursos d’água.

Em síntese, embora as tradições de natureza material da vida cotidiana humana estejam presentes nos orônimos, as representações de natureza geofísica é que são reavivadas pelos denominadores para os acidentes de caráter orográfico. Ao mesmo tempo, deve-se salientar os processos icônicos que associam primordial-

mente, por uma relação de contiguidade, um vínculo existencial de presença, esses elementos que instauram a denominação, os processos metonímicos na criação do nome em relação, ao lugar.

## 6 Considerações finais

Sobre as características morfológicas dos orônimos, há ainda muitas pesquisas a serem realizadas, além de investigações mais aprofundadas sobre o processo de formação desses nomes por aglutinação e sobre a constituição diversa desses topônimos. Nesse sentido, enquanto topônimo, esses termos trazem à tona fenômenos morfológicos e semânticos bem como os extralinguísticos, que são construídos e acionados a partir do universo linguístico e cultural do falante, reconhecendo a relação fundante e necessária entre o nome e o objeto designado, em virtude das características que são representadas via signo toponímico.

É correto afirmar, portanto, que essas relações morfológicas e semânticas fazem com que um conjunto de termos se constitua em um sintagma toponímico cuja motivação é demonstrada por essa estruturação sintagmática com caráter próprio de um nome que significa as relações estabelecidas entre o ambiente físico e o linguístico, ou seja, em uma relação de contiguidade existencial por um processo metonímico de geração dos orônimos. Importa lembrar ainda o papel do denominador nessa construção do nome toponímico que, ao estabelecer movências e novas relações a um termo, inova-o e potencializa seu significado, revelando aspectos línguossociais de um povo, visto que os designativos dos acidentes geofísicos conservam aspectos relevantes daqueles que os concebem em um determinado espaço territorial e sociocultural.

Há, portanto, um vasto campo de estudo a ser explorado em pesquisas sobre a constituição e a motivação dos nomes (oronímicos). Por fim, levando-se em conta a descrição dos orônimos ao longo da pesquisa e a revisão da literatura, no que diz respeito à toponímia, conclui-se que, diante do *corpus* analisado, há a predominância de substantivos na escolha dos nomes próprios. Além

disso, reitera-se que é notória a relação de contiguidade estabelecida entre acidente físico (serra – morro – vão) e orônimo (nome próprio) representada com o uso da preposição.

## Referências

ANDRADE, Karylleila Santos. O lugar nos estudos toponímicos: reflexões. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 585-607, 2017.

BRASIL. **Portaria nº 36, de 28 de janeiro de 1959**. Recomenda a adoção da Nomenclatura Gramatical Brasileira no ensino programático da Língua Portuguesa. [Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2008]. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/19/08.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2021.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica**. Ciências das significações. 2. ed. Campinas, SP: Editora RG, 2008.

CAMACHO, Roberto Gomes *et al.* O substantivo. *In*: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014. v. 3. p. 13-63.

CARDEIRA, Esperança. **O Essencial sobre a história do português**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: toponímia os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). **Revista USP**, São Paulo, [s. v.], n. 56, p. 172-179, 2003.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRO, Maria Célia Dias de. **Maranhão**: sua toponímia, sua história. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DAUZAT, Albert. **Les noms de Lieux: Origine et évolution**. Paris, France: Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de textos**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. Coordenação: Maria Baird Ferreira e Margarida dos Anjos. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. Tradução e adaptação: Maria Elisa Mascarenhas. 4. ed. São Paulo: Difusão Editorial, 1986.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss: Objetiva, 2007. 1 CD-ROM.

IBGE. **Mapa Municipal Estatístico da cidade de Tasso Fragoso**. Rio de Janeiro: 2010. 1 mapa, color. Escala 1 : 100.000. Disponível em: [https://geoftp.ibge.gov.br/cartas\\_e\\_mapas/mapas\\_municipais/colecao\\_de\\_mapas\\_municipais/2020/MA/tasso\\_fragoso/2112001\\_MM.pdf](https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2020/MA/tasso_fragoso/2112001_MM.pdf). Acesso em: 17 ago. 2016.

ILARI, Rodolfo *et al.* A preposição. *In*: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe fechada**. São Paulo: Contexto, 2015. v. 4, p. 163-310.

ILARI, Rodolfo. Introdução. *In*: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe fechada**. São Paulo: Contexto, 2014. v. 3, p. 7-11.

LIMA, Fábio Rogério Batista; SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa. O aspecto icônico da linguagem visual. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 147-168, jan./abr. 2019.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Nomes Próprios. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1952. t. 2.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo de. **Iconicidade toponímica na chapada diamantina**: estudo de caso. 2008. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PRIETO, Maria Helena de Teves Costa Urena. Apontamentos de terminologia toponímica. **Revista Evphrosyne**, Lisboa, v. VIII, [s. num.], p. 127-144, 1972. (Nova série).

SAPIR, Edward. Língua e ambiente (1969). In: CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Linguística como ciência**. Ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. p. 43-62.

SARMIENTO, Frei Martin. **Onomástico Etimológico de la Lengua Gallega**. Madrid: TUY Tipografía Regional, 1925.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Variação e Mudança linguística de topônimos. In: COSTA, Daniela; BENÇAL, Dayme (org.). **Nos caminhos do léxico**. Campo Grande: Editora UFMS, 2016. v. 1, p. 137-154.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **Tradição Gramatical e Gramática Tradicional**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

TAVARES, Marineide Cassuci; ISQUERDO, Aparecida Negri. A Questão da Estrutura Morfológica dos Topônimos: Um Estudo na Toponímia Sul-

Mato-Grossense. **SIGNUM**: Estud. Ling., Londrina, v. 9, n. 2, p. 273-288, dez. 2006.

VASCONCELLOS, José Leite de. **Opúsculos**: Onomatologia. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. v. 3.